

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas

DOUGLAS APARECIDO DOMINGOS

MILTON NASCIMENTO E SUAS CAPAS: APRECIÇÃO E ENCANTO

Belo Horizonte

2023

Douglas Aparecido Domingos

MILTON NASCIMENTO E SUAS CAPAS: APRECIÇÃO E ENCANTO

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Marcio Mota Pereira

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: DOUGLAS APARECIDO DOMINGOS, Nº. DE REGISTRO: 202170370

TRABALHO FINAL: “MILTON NASCIMENTO E SUAS CAPAS: APRECIÇÃO E ENCANTO”.

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 14 de julho de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Prof. Dr. Márcio Mota Pereira (Orientador/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Profa. Me. Maristela Valéria da Silva (Membro da Banca Examinadora)



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Mota Pereira, Usuário Externo**, em 15/08/2023, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maristela Valéria da Silva, Usuária Externa**, em 28/09/2023, às 22:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2732730&infra_sistema... 1/2

29/09/2023, 08:03 SEI/UFMG - 2531473 - Folha de Aprovação



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2531473** e o código CRC **623E5F1F**.

Referência: Processo nº 23072.248348/2023-32 SEI nº 2531473
https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2732730&infra_sistema... 2/2

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao apoio e incentivo que tive de minha família e minha namorada Andrêza Amorim, durante os estudos da especialização. Em especial, quero agradecer ao professor Márcio Mota Pereira, por toda a contribuição durante a orientação deste trabalho acadêmico.

MILTON NASCIMENTO E SUAS CAPAS: apreciação e encanto

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise das capas de discos do cantor e compositor Milton Nascimento, dentro de um recorte histórico que se passou durante o período do Ato Institucional nº 05. O trabalho se inicia por uma breve contextualização histórica dos impactos que a ditadura civil-militar trouxe para a sociedade brasileira, em especial para o meio artístico, onde artistas, principalmente aqueles que se viam indignados com todo obscurantismo político, teriam sua arte e seu discurso oprimidos pelas mãos da censura, precisando recorrer, muitas das vezes, a diversos tipos de artimanhas, a fim de que seus trabalhos e sua mensagem chegassem ao público. Após ser feito um recorte a respeito de alguns dos problemas que Milton Nascimento enfrentou com o governo, passamos a uma contextualização de como se deu o processo de criação gráfico para as embalagens dos discos, colocando em evidência os agentes responsáveis por esses processos, tornando possível, portanto, traçarmos um elo entre as artes visuais e a música, além de procurar despertar no público a curiosidade pelas capas dos discos, que muitas das vezes acabam ficando em segundo plano, como mera embalagem de um produto fonográfico.

Palavras-chave: capas de discos; censura; milton nascimento.

MILTON NASCIMENTO AND ITS COVERS: appreciation and charm

ABSTRACT

This article aims to analyze the album covers of the singer and composer Milton Nascimento, within a historical framework that took place during the period of Institutional Act No. 05. The work begins with a brief historical contextualization of the impacts that the dictatorship civil-military movement brought to Brazilian society, especially to the artistic milieu, where artists, especially those who were outraged by all political obscurantism, would have their art and their speech oppressed by the hands of censorship, often needing to resort to different types of tricks, so that their works and their message reached the public. After an outline of some of the problems that Milton Nascimento faced with the government, we move on to contextualization of how the graphic creation process for the disc packaging took place, highlighting the agents responsible for these processes, making it possible, therefore, we draw a link between the visual arts and music, in addition to trying to arouse the public's curiosity for album covers, which often end up being in the background, as mere packaging for a phonographic product.

Keywords: album covers; censorship; milton nascimento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. DESENVOLVIMENTO	09
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
4. REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Durante os dez anos em que vigorou o Ato Institucional nº. 5, o Brasil se viu imerso a uma série de crimes de tortura, perseguições, assassinatos e censuras, tudo isso, institucionalizado pelo governo militar, que entrou em cena após um golpe de Estado. Em meio a este ambiente caótico de perseguição política, artistas, vozes de toda uma geração, sofriam com a mordada da censura, tendo muitos de seus trabalhos proibidos de virem a público, e chegando ao ponto até mesmo de alguns deles recorrerem ao exílio. O cenário de censura foi amplo, alcançando não somente a música, mas também as outras linguagens da arte, como o cinema, peças de teatro, escritores e artistas plásticos, que tentavam driblar os censores por meio das entrelinhas.

Foi em meio a esse sangrento período histórico, em que a ditadura civil-militar tentava vender uma imagem de sucesso econômico, ao passo que buscava na mesma intensidade calar as vozes de protesto, que esteve presente todo um processo criativo musical de extrema significância para nossa cultura. Enquadra-se nesse cenário a produção artística relacionada ao cantor e compositor Milton Nascimento, artista conhecido nacionalmente e internacionalmente por sua obra solo e, também, como sendo uma das principais influências artística do Movimento Clube da Esquina, responsável por levar a música de Minas Gerais para o mundo.

Este trabalho busca traçar um elo entre música e as artes visuais, evidenciando como se deu o processo de criação das capas dos discos de Milton Nascimento em dado recorte histórico brasileiro, evidenciando os principais agentes responsáveis pelos trabalhos artísticos de capa dos discos deste cantor e, analisando, ainda que brevemente, a estética do material gráfico.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Em 31 de março de 1964 um regime de exceção tomou conta do Brasil. Nesta data, um conjunto de forças reacionárias seria responsável pela realização de golpe militar que, na esteira dos anos seguintes, desencadeou uma ditadura civil-militar que consumiria 21 anos da história do nosso país.

Da promessa de reabertura política e de novas eleições já nos primeiros meses que se seguiram ao golpe pouco restaria se não o aumento da repressão política contra todos da sociedade que minimamente discordassem daquele novo regime político. Não foram poucas as oportunidades em que manobras ilegais à luz da Constituição então vigente foram usadas para a permanência dos militares no poder ou ainda para coagir e afastar os legalistas que buscavam restaurar a democracia.

O Ato Institucional nº 5 (AI-5), que se iniciou em 13 de dezembro de 1968, promulgado pelo então Presidente, General Alberto da Costa e Silva, dava ao então Presidente da República liberdade para fechar o Congresso, perseguir pessoas e cassar direitos, o que culminou em inúmeros casos de censuras, torturas e mortes. Várias personalidades públicas, como professores, militantes, políticos e artistas foram obrigadas a buscar o exílio para se manterem vivas. Este ambiente ditatorial acabou por refletir em protestos organizados por estudantes dos grandes centros urbanos, que também comungavam e tinham como combustível todo um sentimento de indignação. A cultura à época, como hoje, atuava como fator motivacional para enfrentar aquele regime político ditatorial.

Artistas como Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento, dentre outros, formadores de opinião e que por meio de letras de músicas, ainda que pelas entrelinhas, buscavam formas de tentar driblar a censura. Nesse período, agentes militares eram designados a ocuparem universidades, redações de jornais e revistas, além de espetáculos de música e de teatro, com a missão de observar o conteúdo das aulas ministradas, as peças ensaiadas e as canções cantadas. O objetivo era coibir comportamentos que, para os militares, eram sinônimo de “subversão”:

Neste contexto, em 1969, como produtos do AI-5, foram criados dois órgãos ligados ao Exército: o Destacamento de Operações e Informações (DOI) e o Centro de Operações de Defesa Interna (CODI). Segundo o relatório final da Comissão Nacional da Verdade, esses órgãos foram uma forma de se institucionalizar a tortura. Cidadãos brasileiros, como o ex-deputado Rubens Paiva, o jornalista Vladimir Herzog e o operário Manoel Fiel Filho foram torturados e mortos em nome da “segurança nacional”, nas dependências dos DOI-CODI (FRANKLIN, 2020).

Durante os 10 anos de AI-5, os artistas que eram contra a ditadura civil-militar muito sofreram com as perseguições por parte do governo. Vários foram os casos de artistas, das diversas expressões artísticas, reprimidos, o que levou a vários deles a buscarem por um período de exílio. Os que aqui ficaram eram vigiados por agentes da censura, não apenas durante as suas apresentações artísticas, como no dia-a-dia. Além de toda a perseguição, o país também não recebia os devidos investimentos culturais, o que prejudicava demais os artistas que não eram famosos e, por conseguinte, a população, já carente de projetos, de espaços e de aparelhos culturais. Num triste paralelo com os dias atuais, exposições foram suspensas e obras censuradas, o que acabou causando um boicote internacional à 10ª Bienal de São Paulo, realizada em 1969 (MESQUITA, 2019).

No campo das artes visuais, o sentimento de ruptura e transgressão ao sistema era palavra de ordem entre artistas que se viam indignados com a repressão política à arte. Artistas conhecidos no Brasil e internacionalmente, como Cildo Meireles e Hélio Oiticica, foram responsáveis por trabalhos que subvertiam o sistema ditador por meio da arte contemporânea. Em Meireles podemos citar sua obra *Inserções em circuitos ideológicos – Projeto Cédula*¹, realizada entre os anos de 1970 a 1976. Sua ideia era utilizar objetos do cotidiano, como garrafas de refrigerante e cédulas de dinheiro, e colocar mensagens contra a ditadura civil-militar e, depois, colocá-las de volta em circulação, para que as mensagens fossem vistas pelo público.

A provocação era exposta a um número incalculável de pessoas e era impossível de ser controlada totalmente pela censura. O movimento artístico apresentava uma abordagem multissensorial, colocando o corpo e o público como objetos centrais da obra de arte, que na verdade eram feitas a partir de objetos banais para serem manipulados pelo receptor (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.).

¹ Veja a ilustração da obra em: <https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/insercoes-em-circuitos-ideologicos-2-projeto-cedula-insertions-ideological>

Já Oiticica foi o responsável por elaborar a “Tropicália”,² uma instalação constituída por um labirinto semelhante ao de uma favela, composta por materiais como madeira, tecidos, areia, pedras e plantas. Ao ser percorrida a instalação, colocava o público em contato com elementos da natureza e da cultura brasileira, sendo finalizado defronte a uma televisão. A obra, que acabou dando nome ao Movimento Tropicalista, de Gilberto Gil & Cia, tinha como objetivo fazer um contraponto entre a pobreza e a tecnologia representada pela TV, que só mostrava ao Brasil uma visão manipulada e distorcida de um país que, afirmava o governo, havia sido “colocado nos trilhos”.

Também na música os artistas buscavam formas de se expressar e de mostrar a insatisfação de grande parte da classe para com o governo. De acordo com Mariana Mesquita (2019), a fim de tentarem burlar o órgão de censura, alguns compositores utilizavam a estratégia dos pseudônimos, como por exemplo, “Leonel Paiva” e “Julinho da Adelaide” que, na verdade, eram a mesma pessoa; Chico Buarque.

Segundo Renato Ortiz (1995, *apud* COAN, 2015), em 1975 foi publicado o Plano Nacional de Cultura, o que seria, à época, uma medida do governo federal para fomentar a indústria cultural brasileira, o que de fato acabou por impulsionar a indústria fonográfica, que se tornou a quinta maior do mundo. Porém, o autoritarismo do governo impunha regras rígidas de censura aos produtos fonográficos que eram lançados pelas gravadoras.

Em face a essa padronização imposta pela ditadura, os compositores e artistas buscavam meios para driblar o autoritarismo, não raramente colocando nas letras das músicas frases de duplo sentido, fazendo uso de metáforas ou trocando a ordem de palavras, com o intuito de expor, ainda que nas entrelinhas, toda a revolta contra tudo o que aquele governo golpista vinha causando ao país:

² Veja a ilustração da obra em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66335/tropicalia>

Foi na canção “Acorda, amor”, composta em 1974, que Chico Buarque sumariou os abusos de poder cometidos por governantes arbitrários. A canção vinha assinada por Julinho da Adelaide e seu meio irmão Leonel Paiva, sustentava um arranjo impressionista onde sobressaía o som de sirenes de rádio-patrolha e trazia um refrão que escancarava a profunda inversão do sinal que legitima a segurança do cidadão na democracia – ao invés de “chame a polícia”, alertava o compositor, na ditadura, “chame o ladrão”. Chico sabia bem do que estava falando. Agentes do Estado retiravam uma pessoa indefesa de sua casa, levavam-na para centros de detenção desconhecidos, interrogavam-na. Frequentemente durante o interrogatório essa mesma pessoa também seria submetida a alguma forma de tortura (MEMORIAL DA DEMOCRACIA, 2017).

Ainda citando o compositor Chico Buarque, vale também lembrar, segundo Paulo Virgílio (2014), de outro exemplo de metáfora utilizada pelo artista em “Cálice”, em que o título da canção possui som idêntico à expressão “cale-se”, em alusão aos efeitos da censura.

Após voltar do exílio, Chico Buarque compôs e gravou “Apesar de você”, música que tentava driblar os censores ao passar uma conotação de final de relacionamento entre um casal, o que acabou passando despercebido pela censura, porém, segundo Kamille Viola (2021), um jornal do Rio de Janeiro acabou publicando uma matéria que revelava o significado da canção, onde o “apesar de você” seria, na verdade, uma referência ao então Presidente Médici. Após isso, os militares invadiram a fábrica de discos Philips e destruíram os exemplares já prontos para a comercialização, porém, não tiveram acesso à matriz da gravação.

Neste mesmo ambiente nefasto da censura, vale lembrar da canção “Pra não dizer que não falei das flores”, uma das principais músicas que vem à mente das pessoas quando o assunto é a ditadura, e que acabou se tornando uma espécie de hino de resistência. Esta canção ficou em segundo lugar no Festival Internacional da Canção, sendo de autoria do compositor Geraldo Vandré. Perseguido, foi obrigado a se exilar no Chile, na Alemanha e na França.

Na cena do Rock, o Grupo Secos & Molhados também seria perseguido pelos militares, por causa do visual do cantor Ney Matogrosso, que utilizava bastante adereços brilhantes e coloridos, para além de um certo tom de nudez e de sua presença de palco, que envolvia bastante sensualidade. Conforme relatou o cantor durante entrevista, “Eles me odiavam! Eu tomava “dura” de polícia toda hora, porque eu era diferente: tinha cabelo comprido, usava umas roupas diferentes” (MATOGROSSO, 2022).

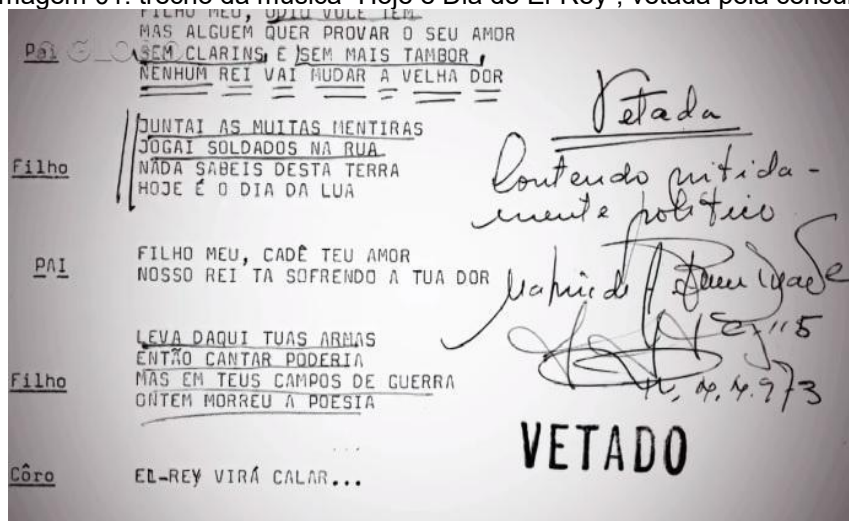
Também é possível encontrar nas músicas de Milton Nascimento, um dos integrantes do movimento mineiro Clube da Esquina, uma certa inconformação com as atrocidades realizadas pela ditadura civil-militar. Em várias canções Milton Nascimento também utilizou das já mencionadas entrelinhas para passar suas mensagens de resistência contra o regime como, por exemplo, na música “Fé cega, faca amolada”, de sua autoria, em parceria com Ronaldo Bastos, em que, segundo COAN (2015), os verbos no infinitivo “deixar”, “brilhar”, “ser”, “crescer”, “acontecer”, além de do uso de metáforas ligadas à religião católica, ressignificando palavras e buscando transmitir uma mensagem de esperança.

Durante a gravação do disco *Milagre dos Peixes* (1973), álbum considerado como um dos mais experimentais do cantor e compositor Milton nascimento, três letras foram censuradas pelo governo: “Hoje é dia de El Rey”, composta por Milton Nascimento e Márcio Borges, “Cadê”, composta por Milton Nascimento e Ruy Guerra, e “Os Escravos de Jó”, composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, e que só foi gravada com a letra original, utilizando o título “Caxangá”, em 1977 por Elis Regina. *Milagre dos Peixes* foi gravado no período onde a censura e a perseguição aos artistas estava em sua fase mais acentuada, levando alguns a buscarem exílio em outros países, além do fato de alguns de seus trabalhos não chegarem ao conhecimento do público, graças aos censores do DOPS.

Isso começou na época da ditadura militar. Eu fui um dos poucos artistas que ficaram no Brasil, porque jurei que ninguém me arrancaria da minha terra, que podiam me matar mas eu não ia. Por isso eu era muito visado pela política, que censurava tudo que eu fazia. Eu ia gravar o disco *Milagre dos peixes* e, quando estava tudo pronto, a censura proibiu as letras. O pessoal da Odeon me disse para gravar outro disco, mas eu quis arrumar um jeito. Então comecei a usar a voz no disco como instrumento. O que aconteceu foi muito interessante porque não sabíamos se ia funcionar, se as pessoas iam entender, mas todo mundo entendeu o motivo de não ter letra, eu tinha cantado com o instrumento da minha voz e as músicas continuavam passando as mensagens. A partir daí passei a usar esse recurso. Eu gosto, adoro esse instrumento.³

³ Milton Nascimento (entrevista). In: WEINSCHELBAUM, Violeta. *Estação Brasil*, 2006, p. 216, apud PACHECO, 2014.

Imagem 01: trecho da música “Hoje é Dia de El-Rey”, vetada pela censura.



Fonte: O Globo, disponível em <http://www.jovemfm.com.br/noticias/7-musicas-que-foram-censuradas-pela-ditadura-militar/>. Acesso em 17 de junho de 2023.

O disco quase não foi lançado, porém, o artista insistiu e acabou lançando o trabalho com oito das onze faixas de forma instrumental, dando espaço a várias nuances de paisagens sonoras, vocais e instrumentais, que remetem à floresta. No encarte, como mais um ato de resistência, mesmo que nas entrelinhas, Milton Nascimento fez questão de deixar evidente ao público, por meio das fichas técnicas das músicas, os nomes dos autores das letras censuradas. Bituca acabou colocando no som, toda a emoção e mensagens que estariam contidas nas letras censuradas, o que acabou levando a mensagem ao público, mesmo que pelas entrelinhas, por meio das inúmeras sensações provocadas pelos arranjos e conjunto gráfico do disco. Com isso, acabou descobrindo uma das que seriam suas marcas registradas ao longo de sua carreira: a utilização de sua voz além da usual opção verbal.

Já na capa, na contracapa e nos encartes coloridos, veem-se traços de oposição de “Milagre dos Peixes” ao “milagre econômico”. Além da referência ao milagre da multiplicação bíblico, veem-se as cores de outra realidade possível, e o bebê e a criança, assim como o título do álbum, estão como signos de “fecundidade, prosperidade e da renovação da vida; sempre associado à regeneração humana e ao nascimento de um outro tempo” Bruno Martins (2009, apud COAN, 2020).

Segundo Eleonora de Lucena (2012), além da censura, Milton Nascimento era constantemente intimidado por ligações telefônicas anônimas, que ameaçavam matar seu filho Pablo, caso houvesse qualquer tipo de comunicação ou encontro entre os dois. Em uma dessas ligações anônimas, membros do Dops insistiam para que ele

desmentisse uma denúncia de racismo que fizera, ao dizer que havia visto a filha do músico Paulo Moura ser barrada de entrar em um clube de Copacabana por ser negra. Apesar de toda censura e perseguição, o artista resistiu ao não buscar exílio, continuou compondo, gravando e fazendo shows pelo país.

Em meio a todo um contexto de expressão musical durante os anos de repressão, as capas de discos serviam como suporte aos trabalhos de artistas visuais, nas figuras de fotógrafos e designers de relevante sensibilidade, e que elevavam o sentido de meras embalagens de armazenar discos, para uma extensão gráfica da obra musical. O trabalho visual era minuciosamente criado e precisava estar em consonância com o que o artista musical havia criado para o álbum. Ao comprar um disco, o público se deparava com todo um cuidado que ia desde a escolha da arte visual, que comporia a capa, encartes e contracapa, até a escolha do tipo de papel, sua gramatura e possíveis mensagens, mesmo que pelas entrelinhas. Vários artistas, desde cantoras e cantores, até grupos musicais, como bandas de rock, marcaram época, ao terem ao longo de suas carreiras toda uma marca registrada, por meio de icônicas capas de discos. Para estes artistas, acaba sendo impossível desvirtuar o trabalho visual do trabalho musical.

MILTON NASCIMENTO E SUAS CAPAS: APRECIÇÃO E ENCANTO

Como o passar das décadas, o avanço da tecnologia foi mudando a maneira de se consumir música, numa evidente acentuação após o advento do formato de mídia MP3, que facilitou o compartilhamento digital, mas também a pirataria, que ao se fazer presente por meio dos CD's, trouxe consigo um evidente empobrecimento ao material gráfico, por não conter os encartes comumente existentes em *Long Plays* e em algumas fitas *K7*, inclusive, se prestando somente a um mero xerox colorido e com baixa resolução da capa do disco.

Em tempos de plataformas musicais, em que o produto “disco físico” é cada vez menos produzido por gravadoras, resgatar estas capas, ao colecionar discos de vinil, contribui para o processo de preservação de toda uma memória afetiva, para além de ser, também, um trabalho de resgate da nossa história cultural, de uma época em que a apreciação musical envolvia todo um ritual, que ia desde se dirigir até à loja para comprar o disco, muitas das vezes só tendo tido conhecimento de um único *hit* que foi veiculado como propaganda pelas rádios, chegar em casa, admirar o trabalho

gráfico, até mesmo sentir o cheiro dos papéis do encarte, manusear cuidadosamente o vinil, finalizando com a audição da obra completa.

O primeiro contato que o consumidor tem é com a capa do álbum. Os sons, o ritmo, as notas e a poesia só serão consumidos quando o disco for colocado em um aparelho reproduzidor de sons. Se trouxermos esse mesmo raciocínio para nossos dias, veremos que a música comprada muitas vezes já é conhecida, haja vista a rapidez e a facilidade com que lançamentos musicais circulam pela teia digital. Assim, comprar o produto é o ato de querer sacramentar a posse de determinada arte, ou seja, é querer guardar consigo aquela matéria que reproduz e envolve a música (TADA e BALEEIRO, 2012).

Ao longo da expressiva carreira de Milton Nascimento, suas capas de discos serviram como complemento emblemático às suas composições e história de vida. Algumas, bastante marcantes, como é o caso da “capa com os dois garotos”, do disco “Clube da Esquina”, e da capa do disco “Geraes”, cujo desenho das montanhas com a Maria Fumaça, numa clara representação de Minas Gerais, foi feito pelo próprio Bituca, sem deixar de mencionar, também, a capa do disco “Minas”, que traz uma curiosidade: foi a primeira em que Milton Nascimento apareceu com uma foto apenas de rosto, tirada de frente.

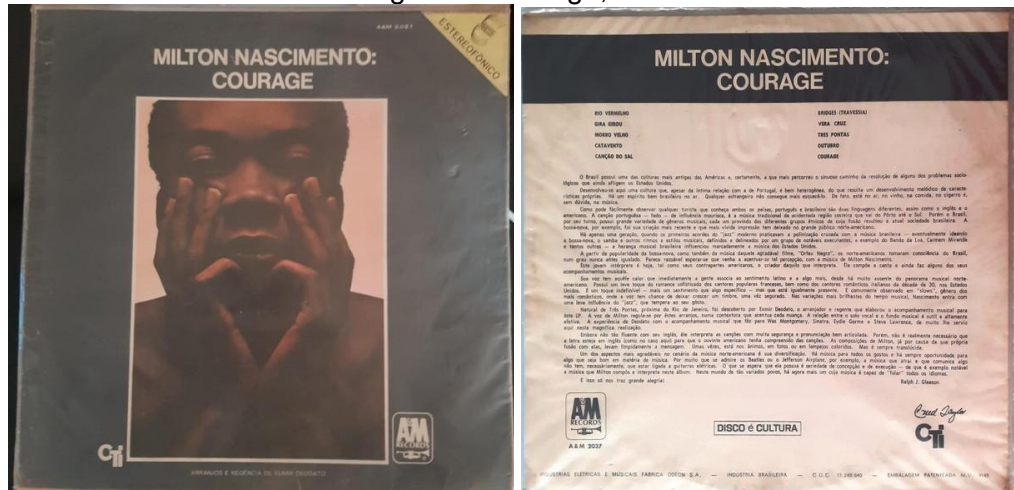
Para estes trabalhos gráficos, é importante citar a participação, com uma atuação muito vasta no âmbito da fotografia, do artista pernambucano Carlos Filho, mais conhecido como Cafí, tendo sido responsável por dezoito capas de discos ao longo da carreira de Milton Nascimento, além de ter trabalhado com diversos outros artistas da música popular brasileira. Outro nome importante a ser mencionado é o do mineiro Hércio Mário Noguchi, designer autodidata com atuação em várias capas de discos entre os anos de 1970 e 1980. Juntos, Cafí e Noguchi tiveram momentos de criação que resultaram nas capas dos discos “Minas”, “Geraes” e “Milagre dos peixes”.

A seguir, será feita uma abordagem que tem como objetivo analisar ainda que de forma breve as capas dos discos de Milton Nascimento durante os dez anos do Ato Institucional nº 5, que foi de 13 de dezembro de 1968 até 13 de outubro de 1978.

A escolha desse recorte histórico para a análise das capas dos discos ocorre devido a ser este um momento muito específico da história do Brasil, inclusive para o cenário artístico e musical. Contudo, tornou-se ao mesmo tempo muito rico, sobretudo em função dos malabarismos que deveriam ser feitos pelos artistas para não se engendrar nas malhas da ditadura e de sua censura. Soma-se, ainda, a apreciação musical deste autor para com Milton Nascimento, artista que passei a apreciar durante

a minha graduação em Música, pela Universidade Federal de Minas Gerais, em uma disciplina específica, a propósito; “A Música de Milton Nascimento. Essas aulas eram compostas por apreciações musicais da obra, histórias de carreira, e finalizando com a parte prática de apresentação musical.

Imagem 3: Courage, 1969.



Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/15819942-Milton-Nascimento-Courage/image/SW1hZ2U6NzEzZmJkwMjQ. Acesso em 06 de junho de 2023.

Gravado em Los Angeles, Estados Unidos, entre dezembro de 1968 e fevereiro de 1969, este álbum tinha como foco a entrada de Milton Nascimento no mercado estrangeiro, e contou com o acompanhamento do renomado pianista de Jazz, Herbie Hancock, além da produção de Creed Taylor. Em contraste ao fundo em preto, a capa conta com fotografia feita por Pete Turner, renomado fotógrafo, responsável também por capas de discos de John Coltrane, Quincy Jones, Tom Jobim, dentre outros artistas de renome mundial. O design ficou por conta de Sam Antupit. Na foto da capa, Milton Nascimento aparece de frente, com as duas mãos nos lados do rosto, formando um coração, ao apoiar os dedos mínimos sobre o queixo. Para a contracapa, foi escolhido um texto de um dos fundadores da Revista Rolling Stone, Ralph J. Gleason, com os seguintes dizeres:

“...Sua voz tem aquele calor que imediatamente a gente associa ao sentimento latino e a algo mais, desde há muito ausente do panorama musical norteamericano. Possui um leve toque do romance sofisticado dos cantores populares franceses, bem como dos cantores românticos italianos da década de 30, nos Estados Unidos. É um toque indefinível – mais um sentimento que algo específico – mas que está igualmente presente. É comumente observado em “slows”, gênero dos mais românticos, onde a voz tem chance de deixar crescer um timbre, uma vez segurado. Nas variações mais brilhantes de um tempo musical, Nascimento entra com uma leve influência do “jazz”, que tempera a seu gosto”.⁴

Imagem 4: Milton Nascimento, 1969.



Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/7768229-Milton-Nascimento-Milton-Nascimento. Acesso em 06 de junho de 2023.

Lançado pela ODEON em 1969, este disco homônimo é o terceiro da carreira de Milton Nascimento, e traz como arte uma ilustração que remete a um dos signos clássicos da cultura de Minas Gerais, ao retratar uma cena de uma cidade histórica, no caso Ouro Preto, com uma procissão passando pelas ruas íngremes de calçamento em pedras do bairro do Antônio Dias, onde podemos ver ao fundo, o conjunto arquitetônico barroco, composto pela igreja de Nossa Senhora da Conceição e outros casarões coloniais, além de uma caricatura do cantor por trás da paisagem. Ainda para a contracapa, foi escolhida uma foto, em preto e branco, de Milton Nascimento com o seu violão, durante uma apresentação, além de uma ficha técnica descontraída, assinada pelo próprio cantor. De acordo com informações contidas na contracapa, arte e foto são de autoria do artista Stil.

⁴ Trecho do texto de autoria de Ralph J. Gleason para a contracapa do disco Courage, 1969.

"O negócio é o seguinte: as orquestrações de Sentinela, Pai Grande, Beco do Mota e Tarde" são de Luiz Eça, sendo que Pai Grande e Beco do Mota e um pedaço de Sentinela foram focalizados por mim. O outro pedaço de Sentinela, coro de Maurício Mendonça, que fez também a orquestração de Quatro Luas. As orquestrações de "Rosa do Ventre (M), Sunset Marquis 333 Los Angeles, Pescaria, O Mar é Meu Chão" são de Paulo Moura, devendo lembrar também que no "Aqui, Ó!" a "pá" toda deu palpites. Aliás, a "pá" é essa: Novelli, Maurício, Robertinho, Luiz Fernando, Helvius, Nelson Angelo, Toninho Horta e Wagner Tiso, que formam a "cozinha" e o coro. Fora os palpites, confusões, imposições, "poliritmias", bagunças, viagens a Minas Gerais, "garrafas esvaziadas" de um indivíduo chamado Naná e Fernando e Márcio, meus grandes amigos. Ah, ia esquecendo. Ainda tem: David, Ronaldo, Zé Ricardo. A colher-de-chá dos maestros Orlando Silveira e Gaya. E a voz do Toninho no "Aqui, Ó!".⁵

Imagem 5: Milton, 1970.



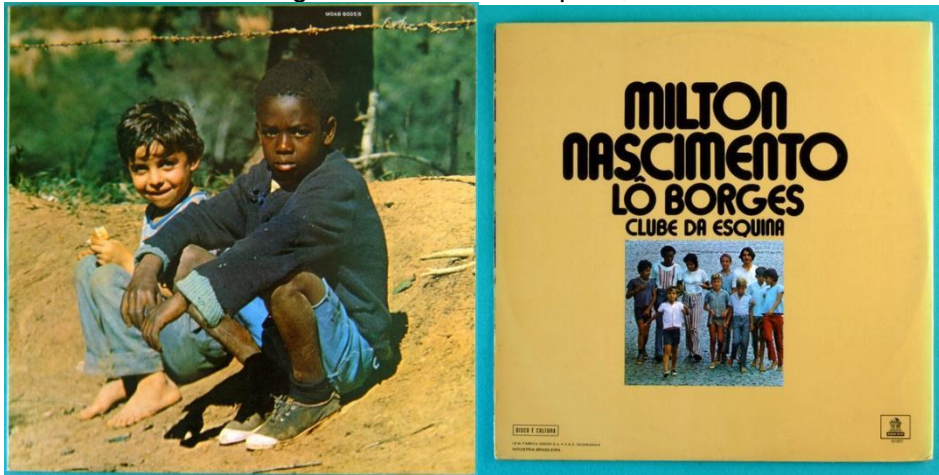
Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/master/183414-Milton-Nascimento-Milton/image/SW1hZ2U6MjI5ODAxMTM. Acesso em 06 de junho de 2023.

Com direção de produção por Milton Miranda, acompanhado pela banda Som Imaginário (Wagner Tiso, Zé Rodrix, Tavito, Frederyko, Luiz Alves, Robertinho Silva e Naná Vasconcelos), o disco apresenta design da capa de autoria do artista Kélio Rodrigues, com uma ilustração em vulto que representa Milton Nascimento de perfil, com cores e formas que, de acordo com Aleksandra de Oliveira e Anderson Santos (2019), buscam evidenciar a ancestralidade africana do cantor, o representando como um rei africano, adornado de joias e túnica em cores fortes e vivas. Para a contracapa, grafismos também reiteram a busca pelas referências afro, em comunicação com a capa. Vale ainda destacar que Kélio Santos utilizou a fonte "Baby Teeth", de Milton

⁵ Texto escrito por Milton Nascimento para a ficha técnica do disco Courage, de 1969.

Glaser, para escrever na capa o nome Milton, e que na contracapa, o mesmo nome aparece de forma espelhada.

Imagem 6: Clube da Esquina, 1972.



Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/master/167258-Milton-Nascimento-L%C3%B4-Borges-Clube-Da-Esquina/image/SW1hZ2U6MjA3NDEyNDc, Acesso em 06 de junho de 2023.

Este é o emblemático disco, responsável por levar de vez a música mineira para o mundo. As fotos e design para capa e contracapa são de responsabilidade do artista pernambucano Cafi que, durante o documentário “Salve o Prazer” (2020), conta que estava voltando da Fazenda de Ronaldo Bastos, quando avistou dois meninos (Tonho e Cacau) à beira da estrada de terra, e pediu para que Ronaldo parasse o carro, imediatamente. Neste momento Cafi tirou a foto, de dentro do carro. O disco ainda não tinha nome mas quando Cafi mostrou algumas fotos para Milton Nascimento, o cantor ao pedir para voltar à foto dos dois meninos, disse: “É essa a capa!”. Quando Cafi foi entregar a capa pronta, o produtor Milton Miranda não a aprovou, dizendo que uma capa com duas pessoas anônimas e, ainda por cima, sem nada escrito, nem mesmo na contracapa, não daria certo. Foi então que Miranda sugeriu para Cafi colocar um letreiro na contracapa, com os dizeres: “Milton Nascimento, Lô Borges e Clube da Esquina” que, em seguida, ele indicaria aos vendedores de discos da Odeon que os mesmos fossem expostos para venda com a contracapa para a frente. Após quinze dias, os vendedores começaram a virar os discos para a posição original: capa com os dois garotos, até que todos passaram a utilizar a capa na posição correta. Ainda sobre a contracapa, Cafi a produziu com

ajuda de Noguchi, e a foto colocada mostra Milton Nascimento e Lô Borges caminhando ao lado de algumas crianças.

Imagem 7: Milagre dos Peixes, 1973.



Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/master/289875-Milton-Nascimento-Milagre-Dos-Peixes/image/SW1hZ2U6NDY4ODU4OA. Acesso em 06 de junho de 2023.

Milagre dos Peixes é o álbum anteriormente citado, a respeito das músicas censuradas, e que é considerado como um dos mais experimentais do Artista. Para capa e contracapa, o trabalho de design foi elaborado por Noguchi e, para a parte fotográfica, ele contou com a parceria de Ronaldo Cientista. O trabalho gráfico deste disco é considerado o primeiro de Noguchi para o ramo e uma curiosidade sobre este álbum é que o tamanho da capa foge do convencional, até então utilizado pela gravadora: formato quadrado, medindo 31 e 33 cm, o que fez com que o produto parecesse um disco duplo, porém, era somente uma nova concepção de tamanho para se colocar um único disco. Ao mostrar a foto de duas mãos se tocando, a capa acaba por permitir o contraste entre os tons preto e branco, numa atmosfera intimista. Para a contracapa, um fundo preto, sobreposto pelo título do disco e o nome do cantor, dispostos em formato circular:

A capa do “Milagre dos Peixes”, aquela da mão, quem fez foi o Noguchi. Eu lembro que o Bituca foi morar em São Paulo porque casou com a Cáritas. Aí ele sumiu – foi quando ele parou de beber. E o Bituca veio com uma ideia do Elifas Andreato para fazer a capa – eu nunca me esqueço disso – e veio com um croqui. Eu olhei e disse assim: “Eu acho isso aí totalmente “transbrasil”, aquela coisa meio Transamazônica; eu não gosto”. Aí se teve a ideia e o Ronaldo falou: “A gente podia chamar o Noguchi...”. O Fernando já conhecia o Noguchi lá de Belo Horizonte ...”. E chamou Noguchi, que fez aquela capa Liza D. Noguchi (2021, *apud* ASSUNÇÃO FILHO, 2004).

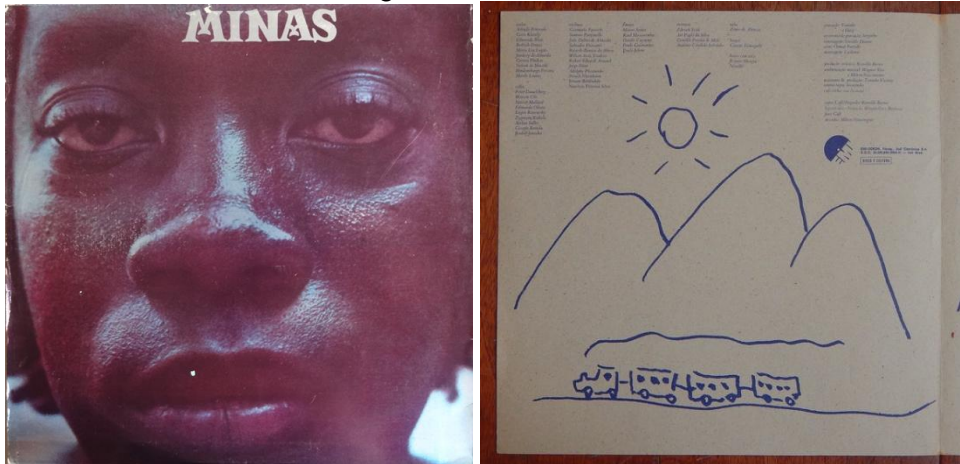
Imagem 8: Milagre dos Peixes ao vivo, 1974.



Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/master/420302-Milton-Nascimento-Som-Imagin%C3%A1rio-Milagre-Dos-Peixes-Gravado-Ao-Vivo/image/SW1hZ2U6Mjc3MTM3NjE. Acesso em 06 de junho de 2023.

Acompanhado pelo Som Imaginário e uma orquestra, este álbum apresenta o repertório do Milagre dos Peixes (estúdio). Foi gravado ao vivo no Theatro Municipal de São Paulo, nos dias 07 e 08 de maio de 1974. As fotos são de autoria de Cafi, que também produziu o design, juntamente com Ronaldo Bastos. A foto escolhida para a capa mostra Milton Nascimento de costas, posicionado em seu banquinho, de frente para as poltronas de uma platéia ainda vazia, provavelmente por ter sido feita durante algum momento da passagem de som. A luz que é jogada sobre o artista e centro da platéia, cria um contraste entre as tonalidades preto e branco, além do que, em conjunto com o posicionamento de Milton Nascimento, olhando para o lado, também pode criar um ar de mistério ou expectativa a quem em seguida irá desfrutar do conteúdo fonográfico. A contracapa possui fundo em preto com uma pequena foto, centralizada, retratando uma paisagem tipicamente das montanhas de Minas ao pôr do sol.

Imagem 9: Minas, 1975.



Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/2388287-Milton-Nascimento-Minas/image/SW1hZ2U6MjM4MTkzODg. Acesso em 06 de junho de 2023.

Para este disco, o trabalho de desing ficou por conta de Cafu, Noguchi e Ronaldo Bastos, e o *lay-out* da arte foi produzido por Noguchi, Wanderlen e Barbosa. No documentário “Salve o Prazer” (2020), Cafu conta que Bituca veio de São Paulo para gravar e quando os dois se encontraram, Cafu o elogiou: “Bituca, você está bem, você está legal!”, ao que Bituca responde: “Eu estou maravilhoso!”. A partir daí, no álbum Minas, foi a primeira vez que Milton Nascimento apareceu de cara, com uma foto de frente, o que gerou uma capa bastante marcante, observando-se uma tonalidade quase monocromática para a arte. O desenho da contracapa, que dialoga com o título do álbum, foi feito pelo próprio Milton Nascimento, procurando representar, de forma bastante singela e pura, os caminhos de Minas Gerais sendo desbravados pelo trem, com a típica paisagem das montanhas ao fundo. Na dedicatória, Milton Nascimento dedica o disco a todas as pessoas que ajudaram, e ao menino Rúbio, que o ajudou a criar o título do disco, ao sugerir que se juntassem as primeiras sílabas do nome e do sobrenome do cantor, o nome “Minas” seria formado.

Imagem 10: Geraes, 1976.



Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/2388295-Milton-Nascimento-Geraes/image/SW1hZ2U6NTgyMTg0MA. Acesso em 06 de junho de 2023.

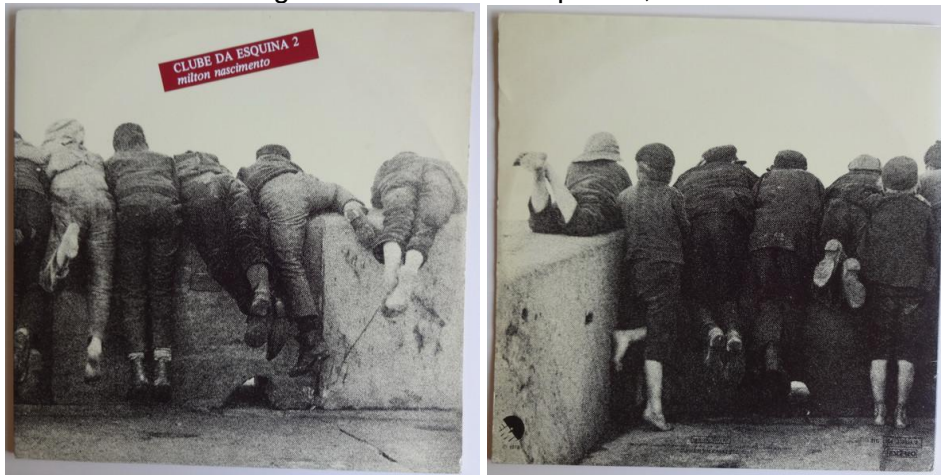
Este disco veio como uma continuidade do anterior, ao observar-se a questão do título, completando o nome do estado, passando pela curiosidade do último acorde e arranjo de orquestração tocados na faixa “Simples” do Minas, e que se repetem no início da primeira música do Geraes, até chegarmos na parte de criação gráfica para a capa, em que o desenho feito por Milton Nascimento, presente na contracapa do disco anterior, entra como capa no disco seguinte, sendo impresso em *hot stamping*, na cor prata, com o fundo em uma tonalidade que remete à cor de terra. Para a contracapa, um design simples: na parte superior, o título Geraes, utilizando a mesma tonalidade prateada do desenho presente na capa. Logo abaixo, em uma disposição pequena, os títulos das músicas e, abaixo, o nome do cantor escrito com a mesma fonte e tamanho do título já mencionado. O trabalho de design ficou por conta de Cafi, Noguchi e Ronaldo Bastos, enquanto que a parte fotográfica ficou sob responsabilidade de Cafi.

Imagem 11: Milton Nascimento fazendo o famoso desenho dos discos Minas e Geraes.



Disponível em: <https://imagesvisions.blogspot.com/2015/06/milton-nascimento-desenhando-capa-do.html>. Acesso em 06 de junho de 2023.

Imagem 12: Clube da Esquina 2, 1978.



Fonte: Discogs. Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/master/222351-Milton-Nascimento-Clube-Da-Esquina-2/image/SW1hZ2U6Mzg4NzYzMDA. Acesso em 08 de junho de 2023.

Disco cujo título sugere continuidade ao álbum lançado em 1972, mantendo a ideia de se ter a participação de artistas convidados no repertório, porém, dessa vez, artistas em sua maioria não mineiros. O trabalho de desing para capa e contracapa ficou por conta de Cafu, Loca e Ronaldo Bastos; a parte fotográfica é creditada a Cafu e Locca Faria, com colaboração na arte final sob responsabilidade de Tadeu Valério e Peninha. A arte escolhida para compor capa e contracapa se trata de um cartão postal, cuja foto é de autoria do fotógrafo inglês Frank Meadow Sutcliffe, retratando crianças debruçadas sobre um muro, em 1892. Para a capa, sobre a foto, o título em caixa alta e o nome do cantor, escrito em minúsculo, dentro de uma marcação em vermelho, em disposição diagonal, passando uma ideia de placa de identificação:

Como tinha muitas participações, a ideia era colocar fotografias de todo mundo dos tempos de criança. E foi um tal de vasculhar gaveta. “Todo mundo que tinha a ver com o Clube da Esquina mandou foto. Até quem não tinha nada a ver”, lembra o diretor de fotografia, designer e cineasta Locca Faria, um dos responsáveis pelo trabalho. Tudo ia bem. O plano tinha empolgado Milton. Mas surgiu um problema. “Quando estava para terminar o disco, me chega a notícia de que a mãe do Lô não achava foto dele pequenininho”, lembra Locca. “Aí dançou a ideia. Estava lindo...” Foi quando apareceu Vicente, irmão de Ronaldo Bastos, vindo de Londres. Na capital inglesa, tinha ido a uma exposição de fotografias da época da Revolução Industrial. O autor era o inglês Francis (Frank) Meadow Sutcliffe, um pioneiro no registro do cotidiano da classe operária. Vicente trazia um cartão da exposição, com uma foto tirada em 1892 chamada *Stern Reality* (“dura realidade”, em tradução livre). Um bando de garotos, de costas, pendurados ou apoiados em um muro (NUZZI, 2020).

Sobre a minha relação com as capas de discos, posso dizer que ela se inicia ainda na minha infância, na cidade de Pedro Leopoldo, região metropolitana de Belo Horizonte, ao final da década de 1980, em uma saudosa época onde eu e meus pais morávamos juntos com os meus avós maternos. Nesta época, devido ao fato do meu tio e meu avô maternos possuírem o hábito de todos os meses comprarem álbuns de artistas e grupos diversos, que iam desde a MPB de Gonzaguinha, Zé Ramalho, Alceu Valença, Tim Maia, Rita Lee, Raul Seixas, a música Pop internacional, passando pelo Sertanejo raiz da moda de viola e o Trio Parada Dura e, principalmente, o Rock clássico, como o Led Zeppelin, Pink Floyd, Scorpions, Erick Clapton e o Pop Rock nacional dos anos 80, citando a Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Titãs, Lulu Santos, dentre outros, que eram as principais referências musicais do meu tio, em sua veia roqueira da juventude setentista. Ambos, além de apreciadores dos discos, também gostavam de chegar em casa, após um dia de trabalho, e tocar um pouco de violão, alternando entre os discos e o instrumento, em uma tradição musical que o meu avô herdou de meu bizavô, que tocava e consertava violas caipiras, durante o tempo em que viveu em Pedra Azul, norte de MG.

Nesse ambiente musical diário, acabei tomando gosto pela música e tendo contato com as primeiras capas de discos, sempre presentes na estante do toca discos que ficava na sala. Me recordo que o primeiro impacto que tive com a arte gráfica de um álbum, foi por volta dos cinco ou seis anos de idade, ao me deparar pela primeira vez com o meu tio chegando com o disco *The Wall*, do Pink Floyd e admirando todo o trabalho feito pelo desenhista e cartunista Gerald Scarfe,

principalmente nos desenhos de temática bastante surrealista, presentes na parte de dentro da capa dobrável e nos encartes, que causavam em mim, uma mistura de curiosidade com um pouco até de medo, principalmente quando eu os admirava enquanto o disco tocava, destacando as paisagens sonoras com som do helicóptero em *The Happiest Days of Our lives* e do muro sendo quebrado em *Another Brick in the Wall, Pt. 3*, lembranças essas que trago em minha memória afetiva, e que foram responsáveis para que, a partir daí, eu passasse a ter o hábito de sempre pegar a capa desse disco para ficar admirando aquela arte que me fazia viajar, enquanto eu estava em contato com as músicas do álbum e meu tio curtia sua fase de roqueiro. Isso também acabou por despertar em mim, ao longo do tempo, uma outra visão sobre os discos: a de ir além do trabalho musical, passando a observar com maior curiosidade as demais capas dos discos que meu tio e meu avô colecionavam àquela época.

Essa a admiração e curiosidade pela arte visual dos discos acabou se estendendo pela minha adolescência, em um curto espaço de tempo, nos anos 90, quando meus pais ainda tinham um toca discos da marca Sharp, comprado pelo meu pais. Nesta época, tínhamos alguns vinis e muitas fitas K-7. Foi nesta mesma época em que presenciei uma mudança no mercado fonográfico: a vinda dos CDs. Foi quando em meu primeiro emprego, numa lanchonete, consegui comprar um aparelho portátil Discman, passando então a buscar os CDs das bandas de Rock, que já não tinham aquela mesma magia do ritual de se sentir o cheiro da capa do vinile admirá-la, enquanto o vinil tocava, mas que eram compostos por capas e encartes em tamanho menor, contendo um trabalho gráfico aproximado do vinil ou com algumas mudanças.

Lembro, inclusive, do primeiro CD que adquiri: o *Sabotage* do Black Sabbath, que para mim, é o melhor em arranjos, de toda a carreira da banda, e que me traz, também, à memória, uma ocasião em que um amigo meu conseguiu o vinil deste álbum e levou até a minha casa para ouvirmos, de forma a confrontar com a qualidade do Wave do CD, que para mim, sempre esteve abaixo do vinil, bem mais “quente”, por questão de gosto. Também cito minha admiração pelos trabalhos gráficos contidos nas capas do Iron Maiden, banda a qual eu gostava de comprar as camisas que tinham as capas dos discos, além de outras bandas Rock, como o Led Zeppelin e os Beatles, por questão de influência de uns amigos que tocavam comigo em uma banda

cover de Rocks clássicos. Junto ao gosto pelos trabalhos gráficos destes designers, fotógrafos e desenhistas, acabei me aproximando o bastante dos discos, enfim, da música como um todo, a ponto sentir a necessidade de estudar mais a fundo esse tipo de arte, por meio dos instrumentos: violão, passando pela guitarra, e levando mais a sério o contrabaixo elétrico, o que culminou com a minha formação em Licenciatura em Música pela UFMG, em 2017. Durante esse período acadêmico, ao ter a oportunidade de cursar a disciplina optativa “A Música de Milton Nascimento”, ministrada pelo professor Wilson Lopes, guitarrista/violonista e diretor musical de Milton Nascimento, pude me aprofundar no interesse pelos discos do cantor, o que acabou por me influenciar neste artigo. Em seguida, acabei tendo a oportunidade de lecionar Arte em escolas da rede regular estadual, para alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, o que me trouxe o interesse e a necessidade de cursar a Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, ofertado pela UFMG.

O período escolhido para a análise desses discos, me despertou curiosidade, por ter sido uma época muito obscura da nossa história, porém, ao mesmo tempo, muito rica para a nossa arte, me levando a querer pesquisar com maiores detalhes, como se deram os processos de criação naquele cenário conturbado de censura, bem como quais foram os artistas responsáveis pela criação gráfica. Aproveito também este trabalho para o objetivo de se fazer um elo entre duas linguagens da arte às quais me interesse bastante: a música e as artes visuais, além de tentar aguçar nas pessoas um olhar mais profundo para as capas dos discos, resgatando-as de meras embalagens dos álbuns, para um trabalho artístico também relevante que tem por trás dele todo um rico processo de criação, tal como a música, igualmente relevante a nossa cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início, as capas dos discos eram apenas meras embalagens, sem arte ou identificação, porém, a medida em que a indústria fonográfica foi avançando e cada vez mais grandes artistas foram dominando o gosto popular pelos seus trabalhos, o cuidado com o material gráfico passou a ser cada vez maior, abrindo espaço para infinitas possibilidades e diversos artistas visuais. Ao analisarmos uma capa de disco ou todo o material gráfico presente no álbum, muitas das vezes percebemos, mesmo que nas entrelinhas, uma espécie de extensão do conteúdo musical, resultado de um processo criativo que só foi possível graças a uma comunhão entre artista musical e artistas visuais, nas figuras de fotógrafos, desenhistas e designers, dentre outros. Aparece aí, portanto, um elo entre as artes visuais e música, elo este que procurei trazer através deste artigo.

Ao analisarmos os dez anos em que o Brasil esteve imerso ao AI-5, percebemos o quão dura foi a censura à nossa cultura, ao tentar calar vozes que queria gritar ao povo as mazelas daquele período sangrento que o país vivia. Em meio aos anos de chumbo, por outro lado, tivemos uma época muito rica em termos de criação artística, em suas diversas linguagens, nos agraciando com obras, hoje consideradas verdadeiros clássicos de nossa cultura. Dentro destes clássicos, estão contidos trabalhos em que os artistas, muitas das vezes, precisavam se reinventar, a fim de driblarem a censura, algumas vezes conseguindo, outras vezes não, como é o caso do disco Milagre dos Peixes, que teve três letras censuradas, sendo gravado com oito das onze faixas de forma instrumental. O trabalho de Milton Nascimento ao longo daquele período foi extremamente importante a nossa cultura e como voz de toda uma geração. Geração essa que viu a música mineira, seja como Clube da Esquina, seja como carreira solo de Bituca, sair de trás das montanhas para ganhar os horizontes do Brasil e do mundo. Ao irmos de encontro ao trabalho gráfico desenvolvido para a discografia do artista, percebemos a importância de vários artistas visuais para o processo criativo, destacando o trabalho de Cafi, seja como fotógrafo, seja como responsável pelo design das capas, o que trouxe uma riqueza visual, não só à obra de Milton Nascimento, mas também de inúmeros outros cantores e grupos musicais com quem ele trabalhou ao longo de sua carreira.

Por fim, ressalto que, mesmo em tempos de mídia digital, os discos de vinil ainda atraem admiradores, que apreciam todo um ritual que passa, muitas das vezes por ter que garimpar álbuns raros, chegar em casa e apreciar o conteúdo gráfico das capas e encartes, enquanto se ouve faixa a faixa. Finalizo destacando a importância de mantermos viva essa cultura dos discos de vinil para as próximas gerações, como parte de nosso patrimônio cultural, e que também seja acesa em cada vez mais pessoas, assim como foi em mim um dia, a chama da curiosidade acerca do processo de criação das capas dos discos, ao invés de um mero olhar passivo, que acaba sendo exclusivo somente ao produto fonográfico.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Antonio. Tropicália de Hélio Oiticica – 40 anos. Expoart, 2007. Disponível em: < <https://www.expoart.com.br/artigos/?idt1=30&idt2=col&idt3=almandrade>>. Acesso em 03 de maio de 2023.
- COAN, Emerson. Quatro décadas de “Minas” e “Geraes”. A dimensão política da obra de Milton Nascimento. Sociedade e Cultura – Revista de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, volume 18, nº 2, p (163-176), julho a dezembro de 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70346854013>>. Acesso em 30 de abr. de 2023.
- COAN, Emerson. “Milagre Dos Peixes”: A Censura e a Voz de Milton Nascimento na Sociedade do Espetáculo Brasileira. Revista Alterjor – ECA – USP, volume 02, edição nº 22, 2020. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/171008/162496>>. Acesso em 15 de mai. de 2023.
- FRANKLIN, Joelma. AI-5: Qual o seu impacto na democracia brasileira? Politize, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ato-institucional-5/?https://www.politize.com.br/&gclid=Cj0KCQjwz6ShBhCMARIsAH9A0qW5y57dvjTW_91R9G_O8OjVEITHYCKYKgy7FPaNow4MyClouV7284aAupPEALw_wcB>. Acesso em 02 de abr. 2023.
- LUCENA, Eleonora de. Milton Nascimento comemora cinco décadas de carreira. Folha de São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/serafina/2012/10/1160138-milton-nascimento-comemora-cinco-decadas-de-carreira.shtml>. Acesso em 15 de mai. 2023.
- MATOGROSSO, Ney. Rádio CBN. “Eles me odiavam porque eu era diferente”, diz Ney Matogrosso sobre a ditadura militar. YouTube, 20 de agosto de 2022. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=eN2Xow_aB5I>. Acesso em 01 de maio de 2023.
- MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Resistência Cultural – Música. 2017. Disponível em: < <http://memorialdademocracia.com.br/resistencia-cultural/musica>>. Acesso em 30 de abr. de 2023.
- MEMÓRIAS DA DITADURA. Inserções em circuitos ideológicos – Projeto Cédula (1975), de Cildo Meireles. s.d. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/obras/insercoes-em-circuitos-ideologicos-projeto-cedula-1975-de-cildo-meireles/>. Acesso em 03 de maio de 2023.
- MESQUITA, Mariana. 51 anos do AI-5: os impactos na arte e na cultura do Brasil. Folha de Pernambuco, 2019. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/cultura/51-anos-do-ai-5-os-impactos-na-arte-e-na-cultura-do-brasil/125084/>>. Acesso em 06 de abr. de 2023.
- MUSEU NACIONAL – CENTRO DE ARTE – REINA SOFIA, 2023. Inserções em circuitos ideológicos 2. Projeto Cédula. Disponível em: < <https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/insercoes-em-circuitos-ideologicos-2-projeto-cedula-insertions-ideological>>. Acesso em 03 de maio de 2023.

NOGUCHI, Liza D. Música gráfica: a contribuição do mineiro Hélcio Mário Noguchi ao design gráfico brasileiro por meio da criação de capas de disco para integrantes do Clube da Esquina. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Design (PPGD), Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

NUZZI, Vitor. O disco começa na capa: antes de começar a girar, a música mostra que é também visual. Rede Brasil Atual. São Paulo, 06 de set. 2020. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/capa-disco-antes-girar-musica-mostra-tambem-visual/>>. Acesso em: 04 de jun. 2023.

OLIVEIRA e SANTOS. MPB e artes visuais: a revolta das capas. Jornal da USP, São Paulo, 08 de nov. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/mpb-e-artes-visuais-a-revolta-das-capas/>. Acesso em: 03 de jun. 2023.

PACHECO, Mateus de Andrade. Milton Nascimento: Num canto do mundo, o conto do Brasil. 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SALVE O PRAZER; Direção: Lírio Ferreira e Natara Ney. Produtor: Luni Produções. Local: Pernambuco, 2020. Canal Curta. Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=salve_o_prazer>. Acesso em: 17 de mai. 2023.

TADA, Elton Vinicius Sadao; BALEEIRO, Cleber Araujo Souto. O que nos dizem as capas dos discos? Análise semiótica e hermenêutica em busca de um diálogo entre Pop culture e estudos de religião. Revista Eletrônica Correlatio, São Paulo, v. 11, nº 22, dezembro de 2012.

TROPICALIA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra66335/tropicalia>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

VIOLA, Kamille. Chico Buarque, Ney Matogrosso e outros nomes da música revelam histórias de censura em livro. Veja Rio, 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/beira-mar/chico-buarque-ney-matogrosso-ditadura/>>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

VIRGÍLIO, Paulo. Artistas precisaram usar metáforas para criticar o regime militar. Agência Brasil, 2014. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2014-03/artistas-precisaram-usar-metaforas-para-criticar-o-regime-militar>>. Acesso em 01 de maio de 2023.